

# “Todos os caminhos levam aos círculos”: uma experiência piloto de auto coletiva formação docente como **Círculo de Cultura**

*Samia Nascimento Sulaiman*

*Marliane Azevedo*

*Gabriela Cardoso*

*Yasmin Azevedo*

*Aliny Dayany Pereira de Medeiros*

08

*“Educar exige de nós a prática do diálogo, sendo este entendido como troca, partilha, respeito mútuo, escuta atenta, discussão de ideias e comunhão de saberes”*

Paulo Freire.

É possível pensar a formação docente a partir de cada professor/a no cenário educacional tão complexo, diverso e desafiador em que estamos, ainda mais no contexto pandêmico? É viável empreender um processo de autoformação de modo coletivo e colaborativo entre professores e professoras de diferentes momentos da sua trajetória docente e atuando em diferentes contextos educacionais? Que bom que podemos dizer sim a essas perguntas recorrendo à proposta dos Círculos de Cultura de Paulo Freire (2020), dos Círculos de estudo da Escola da Ponte de José Pacheco (2014) e das comunidades de aprendizagem sistematizadas por bell hooks (2020). O *Círculo de Cultura: Universidade e Escola* surgiu em 2021 como um projeto de extensão piloto empreendido pelo GT de Estágio do Centro de Educação da UFRN de modo a estreitar laços entre a universidade e as redes de ensino do Rio Grande do Norte. Para isso, construímos coletivamente propostas em relação a estrutura, organização e desenvolvimento do projeto e, a partir disso, planejamos a abordagem de diversas temáticas que atendessem as demandas das escolas. A proposta pautou-se na premissa de que não nos formamos professor/a apenas pelo acumulado de conhecimentos acadêmicos, mas também pelas nossas histórias de vida, experiências profissionais e saberes constituídos no cotidiano de nossas escolas, enfim, por um saber docente muito mais amplo (TARDIF, 2002).

Os círculos de cultura foram originalmente

criados por Paulo Freire, entre fins dos anos 1950 e início dos anos 1960, para discutir os problemas sociais do Brasil. Paulatinamente, os círculos foram transformados em espaços de alfabetização de adultos de forma crítica, partindo de suas referências e vocabulário. Desde sua criação até nossos dias, os círculos foram sendo multiplicados, reorganizados e reelaborados para atender a diferentes intencionalidades, mas tendo em comum a promoção de uma perspectiva de educação emancipadora, crítica e voltada aos problemas das comunidades envolvidas. Além dos círculos freireanos, temos também os círculos de estudo discutidos pelo professor José Pacheco (2014) e que eram utilizados em Portugal para a autoformação dos professores da Escola da Ponte. Podemos citar, ainda, a professora e pesquisadora bell hooks (2020) que também abordou propostas de formação de professores/as pautadas em comunidades de aprendizagem.

As três propostas trazem em comum a busca por um processo formativo mais horizontal, plural e que mantenha estreito diálogo com o mundo que nos cerca. No nosso Círculo, ao estabelecermos contato direto com professores/as, estudantes e gestão escolar, e lançarmos uma proposta que é colaborativa, nós reforçamos a importância da formação em um formato mais democrático e asseguramos o protagonismo de todos/as os/as envolvidos/as.

A imersão em uma experiência circular como a que se desenvolveu teria — e teve — a oportunidade de constituir essa aproximação e partilha dos diferentes tipos de conhecimento, dos diversos ser-fazer docentes: aos/às estudantes de graduação e pós-graduação, a possibilidade de ouvir sobre a prática docente

e as vivências de professores/as que já estão vivendo o cotidiano escolar; aos/às estagiários/as, uma experiência a mais na sua construção enquanto profissional docente; aos/às professores/as da rede de ensino, um espaço de fala para compartilhar angústias, descobertas, interesses e se fortalecer como produtor/a de conhecimento e práticas a partir da dinâmica viva do chão da escola; aos/às professores/as de ensino superior, atualizar seus conhecimentos sobre a realidade educacional e refletir sobre seu papel no processo de formação de novos/as professores/as.

Na prática, a própria essência do que é o Círculo desconstruiu a ideia e dissipou o receio existente nas graduandas que compuseram a equipe de que, em meio a doutores/as e/ou professores/as com vasta experiência, não tivessem contribuições e reflexões significativas para partilhar com o todo: a vivência do projeto comprovou que todos os participantes puderam contribuir, de acordo com suas especificidades, bagagens e vivências, com a autoformação coletiva.

### **Círculo virtual**

“Meninas, aprenderemos juntas! suas experiências, angústias, vão ao encontro com as nossas! Tenho certeza! Caminharemos juntos, juntas!” (Leda Potier)

“Somos todos aprendizes na educação” (Luciene Casado)

“Todos os caminhos levam aos círculos” (Aliny Pranto)

“O melhor título que se tem nessa vida é ser professor” (Robson Potier)

O Círculo ocorreu de forma remota, com encontros via *Google Meet* e atividades complementares de leitura e estudo de materiais de referência disponíveis no Google Sala de Aula, além da comunicação interativa pelo grupo de *WhatsApp*. Isso porque, no contexto em questão, ainda estávamos enfrentando a realidade da pandemia da covid-19, a qual impactou a vida pessoal e profissional de cada um/a de nós e, conseqüentemente, atravessou várias das nossas discussões durante os seis meses de convivência e compartilhamento de experiências.

Ao longo dos encontros virtuais, a interação do grupo foi evoluindo à medida que estabelecemos uma relação mais próxima — mesmo que virtualmente —, em atos simples como o de ligar as câmeras e os microfones com uma frequência maior. Felizmente, conseguimos superar o desafio da impessoalidade e do isolamento e tornar o ambiente virtual um espaço de fala e acolhimento dos desafios pessoais e profissionais impostos pela pandemia.

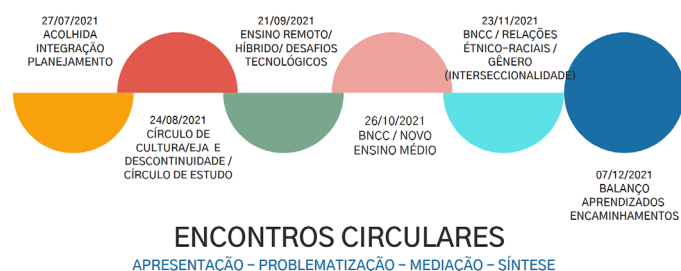
O círculo foi formado por 15 pessoas, tendo uma equipe de coordenação colaborativa e uma equipe de mediação. A primeira foi responsável por abrir a sala do *Meet*, manter contato com os demais participantes e acompanhar as postagens dos materiais na sala de aula virtual. Já a equipe de mediação não era fixa, sendo modificada a cada mês, de modo que todos/as participassem da escolha dos materiais de leitura, da elaboração de questões norteadoras e da mediação de, no mínimo, um encontro.

É importante salientar que os grupos eram estruturados de acordo com a afinidade de cada um dos membros com as temáticas abordadas, o que proporcionou a formação de

equipes heterogêneas e, conseqüentemente, de “minicírculos”, à medida que as reuniões de preparação ocorriam, o que também contribuiu com a autoformação coletiva do grupo.

A escolha das temáticas de discussão para fundamentar esse processo de autoformação coletiva foi debatido pelo grupo no primeiro encontro, assim como a organização dos/as mediadores/as para o trabalho nos encontros seguintes (Figura 1).

Para cada encontro, a equipe de



**Figura 1** - Esquema do programa e da proposta metodológica do Círculo. (Fonte: Elaboração Sulaiman/2021)

mediação se reunia e definia os materiais para estudo e debate, os quais eram compartilhados com o restante do grupo 15 dias antes. Essa equipe, no dia do seu tema, fazia a condução do círculo, ou seja: iniciava a discussão da temática (apresentação/acolhida), propunha as questões provocadoras (problematização), mediava o diálogo (mediação) e registrava os apontamentos (síntese) a serem compartilhados com o coletivo no encontro seguinte.

### Um aprendizado coletivo

No nosso último encontro de avaliação, os/as participantes destacaram que o Círculo promoveu a escuta, o acolhimento e o desenvolvimento da sensibilidade e da empatia. Em 2022, teremos a continuidade dessa jornada, ampliando o Círculo para dois grupos em dois

horários e dias da semana diferentes e com a expectativa de 40 pessoas.

Através do círculo de cultura firmamos nosso compromisso social e político com o ato de educar, pautado nas obras de Paulo Freire, em especial na Educação como prática da Liberdade (2020). Com esta experiência, damos mais um passo em direção à uma educação emancipadora. Mais que conhecimentos, também é relevante a constituição de uma rede humana de quem vivencia a educação.

### Agradecimentos

Este texto retrata o trabalho coletivo e colaborativo de Conceição Andrade, Leda Potier, Luciene Casado, Raquel Pipolo, Thiago Laurentino, Marliane Azevedo, Gabriela Cardoso, Yasmin Azevedo, Andreza Jota, Rozana Ramos Neves, Mariana Araújo, Aliny Pranto, Robson Potier, Daniela Freitas e Samia Sulaiman. Vídeo síntese no canal Youtube do GT Estágio (<https://youtu.be/MStemr6mP4c>).

### Referências

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir, a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

PACHECO, José. **Escola da Ponte, formação e transformação da educação**. Petrópolis: Vozes, 2014.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.